

INÉDITO DE MARIA GABRIELA LLANSOL

4 DE JUNHO DE 1998, DOMINGO

Os sentimentos fluidos que me assaltam de manhã estão certamente relacionados com a autobiografia. Estou na cama, entre duas janelas que passam a luz nascente de uma à outra. Lembro-me de épocas parcelares, ou antes, elas regressam em cenas que me tomam literalmente o corpo. A recordação está ao pé da letra: e não creio que, sequencialmente, essa espécie de memória rigorosa e difusa seja mais eficaz do que realizando, por detrás do olhar, essas cenas. Decerto alguma há-de captar-se agora, já que estou banhada por elas todas, e o meu corpo mais verdadeiro ressurgue numa espécie de nevoeiro que confundo com as seis horas da manhã.

E o que volta é Herbais – o emaranhado da natureza do meu jardim, o decifrar permanente, eu, a legente sentada entre os legentes. Até Jade, o meu cão, era legente – sobretudo ele. Eu julgava que, no seu focinho, ele trazia uma paisagem – a paisagem dos afectos mais fáceis que aprendi. Porque a maioria é difícil, foge por entre os dedos, mesmo se persiste e volta – como uma tempestade desértica de areia.

Ele avança, no meio das galinhas que são suas – e que lhe hão-de atapetar a morte de penas. É belo o galo, no seu desprendimento do milho da terra. Espreitando as companheiras coloridas e esperando para comer. Avança pelo corredor que ladeia as divisórias agrícolas, e eu estou sentada a meio, observando o fim da tarde, e observando-o. Creio que observo o tempo – nesse momento, é o que leio. O portão rangeu, o ar passou, tenho o livro firmemente fechado nos joelhos, que batem um ritmo ligeiramente libidinal – conforme merece a tarde. Os machos fumam, vigiam vagamente a entrada das casas, fumam porque se desprende uma melopeia de pensamento do mais íntimo daquele lugar – íntimo que nunca precisei.

Fêmeas, há as gatas, as galinhas, a potência criadora que sobe até encontrar a substância aquosa e frutífera da tarde. Sinto que na biblioteca o pensamento herdado arde, e os romances trepidam por falta de peso próprio, e vão desmoronar-se na sua forma precária.

Como se aproxima o legente do futuro? Seguro o fecho da porta e, imóvel, procuro outra recordação que seja mais próxima e percuciente do que um facto que toda a gente pode registar. A memória das sensações é a minha verdadeira vida. São o meu problema, a frase crítica de cada dia. Se eu relembra cada página de diário que já escrevi, encontro outro diário por detrás dele, o sol iluminante ou obscurecente do segundo.

O galo Olo tornou-se belo como o seu nome. Passeia sobre ele, ou seja, passeia sobre um rio que desce longe, em Portugal, de uma rocha porosa e aberta. Porosa e aberta é a primeira recordação que tenho de mim mesma, dando passos na leitura do chão, próximo dos olhos. Princípio por um muito pequeno – levanto o olhar.

– Se levantarem o olhar para mim – diz-me Olo, porque ele fala –, eu desapareço e deixo-vos um rio. Deixar é a razão de ser de uma biografia.

De facto, toda a minha obra foi autobiográfica, uma espécie de serpente benigna que enrolei na mão. Serpente, por ser tão surpreendente e desconcertante, ao ponto de eu só criar portões, jardins e entradas dentro dela.

Há demasiado lugar para perder-se – e o medo é súbito, e não é carro de quatro rodas agradável para meio de transporte. Regresso a Herbais, às zonas falhadas da memória, e verifico que o que tem importância para ser contado é o menos importante. O muito grande e banal vê-se – e é visto por todos os olhos.

Decorrido o fluxo da noite – e já amanhece – sinto com a mão a madressilva que plantei junto ao muro exterior da casa, e que mil vezes há-de morrer sem que de facto morra, enquanto estas páginas forem vivas – e alcancem mais do que a minha precária vida. De amarelo fugaz, e cheiro intenso,

a madressilva, sempre que eu ia e regressava,
estava coberta de alegria.

Era a verdadeira e última consistência da velha parede. Poeira dissolvida que se reconstitui e regressa agora.

O meu corpo conflui de lugares longínquos. É de noite. A luz exterior da entrada, suspensa de uma viga, acabou de acender-se. O luar libidinal impele-me a entrar em casa e ir dormir com quem amo. A natureza não humana apaga-se atrás de mim.

(De: *Caderno 1.51*, pp. 52-62)

1 a pesquisa de Biografia

de memória, está centrado
muito relacionado com
a biografia auto-biografia.
~~Este~~ Estão na cama, e não
deixam pensar que passam
a ler, mas de uma
a outra. Lembrando - não é
e focar paratextos, ou seja,
e as regras e as
letras que motivam
literalmente o corpo.

~~Esta~~ recordação
está ao pé da letra:

e não são os que
em ~~se~~ ^{relacionam} ~~se~~, essa
espécie de memória
relacionada de forma,
seja mais eficaz
do que ~~se~~ ^{relacionam}
quando, por detrás
do olhar, essas
letras. ~~Uma~~ ^{Uma}
certo alguma linha de
café e água, fe
e estão barulhada
por elas todas, e o

013